

ENSINO EM ALTERNÂNCIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS (CSH)

Manuela Kelin Paz¹
Deizi Souza²
Nathiely Florentino³
Vladinei Karai Bolantin⁴
Elizandra de Oliveira⁵
Caliandra Kevin Alves⁶

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo tratar sobre a experiência da formação de professores para atuar nas escolas do campo e indígenas, envolvendo grandes desafios no seu processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se constitui como um espaço importante de suporte aos acadêmicos durante sua formação. O curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas (CSH), ofertada pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul (Paraná), tem como objetivo atender acadêmicos oriundos do campo, indígenas e quilombolas, que pretendem ser professores nas escolas desses territórios, para tanto tem adotado a organização em alternância, com tempos alternados na universidade (tempo universidade) e com atividades na comunidade (tempo comunidade).

A licenciatura em Educação do Campo é vista como uma conquista por vários motivos, sendo eles resultado de muita luta e resistência dos movimentos e organizações sociais do Campo e no Campo (CALDART, 2004).

O texto fala sobre os desafios encontrados no decorrer da formação dos estudantes vinculados ao PIBID na escola indígena Verã Tupã, localizada na Terra Indígena de Mangueirinha, município de Chopinzinho, Paraná. Através das

1 Acadêmica Manuela Kelin Paz do Curso de Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas - 3ª Fase/1º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fase/Semestre/Ano.
Email: manuelakelinpaz@gmail.com.

2 Acadêmica Deizi Souza do Curso de Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas - 3ª Fase/1º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fase/Semestre/Ano.
Email: deizysouza7@gmail.com.

3 Acadêmica Nathiely Florentino do Curso de Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas - 5ª Fase/1º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fase/Semestre/Ano.
Email: nathielyflorentino@gmail.com.

4 Acadêmico Vladinei Karai Bolantin do Curso de Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas - 3ª Fase/1º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fase/Semestre/Ano.
Email: Bolantinvladinei@gmail.com.

5 Acadêmica Elizandra de Oliveira do Curso de educação do Campo Ciências Sociais e Humanas - 7ª Fase/1º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fase/Semestre/Ano.
Email: elizandradeoliveiraoliveira44@gmail.com.

6 Graduação em Educação do Campo pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. Professora da disciplina de Geografia e Sociologia.
Email: caliandrakevin@gmail.com

narrativas dos sujeitos, acadêmicos do curso, buscou-se trazer elementos do modo de ensino em alternância, suas vantagens e dificuldades enfrentadas e projetos realizados durante o percurso da formação. Para isso, dois acadêmicos foram convidados a escrever relatos sobre suas experiências com o ensino em alternância, além do uso de artigos científicos e discussões em grupo.

1 METODOLOGIA

Para esse resumo utilizamos das narrativas dos sujeitos envolvidos no Curso, acadêmicos indígenas e assentados que saem desses territórios e passam em torno de um mês estudando na universidade, assim, o objetivo foi mostrar como se constitui o Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas (CSH), o modo de ensino em alternância, suas vantagens e dificuldades. A escola Verã Tupã tem um núcleo de oito PIBIDIANOS, sendo que quatro são moradores da comunidade indígena onde localiza-se a escola, desses, dois acadêmicos foram convidados a escrever relatos sobre suas experiências com o ensino em alternância e os demais ficaram responsáveis pela análise de documentos e discussões em grupo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O Curso de Educação do Campo-Ciências Sociais e Humanas (CSH), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) é ofertado em etapas, onde os estudantes ficam um mês no chamado Tempo Universidade (TU) e um mês em Tempo Comunidade (TC), sendo o Tempo Comunidade, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC):

Caracterizado por ações de investigação, reflexão, preparação e aproximação gradual com o exercício profissional, por meio de atividades elaboradas pelo docente responsável pelos componentes curriculares.(PPP, 2020, pg.54)

O curso em alternância é planejado entre dois tempos formativos que atravessam a vida do estudante, o que permite a capacitação profissional dos trabalhadores e trabalhadoras que residem no campo. Busca também criar condições teórico-metodológicas para que os educandos façam diagnósticos, pesquisas, atividades extensionistas, desenvolvam ações em ambientes escolares e não escolares como os movimentos e redes sociais e sindicais do campo.

O curso em alternância nos aproxima mais do ambiente escolar e a forma de ensino e aprendizagem, pode ser avaliada de diversos critérios, que vão desde a organização e a articulação entre o tempo escolar e o tempo comunidade.

A forma como o curso é estruturado, a relação entre diferentes disciplinas, a utilização de metodologias que priorizam a participação de estudantes no processo de planejamento, participação na avaliação do próprio curso em final de etapas, a interação entre a escola e a comunidade, a relevância das atividades práticas e a possibilidade dos estudantes aplicarem os conhecimentos teóricos em situações reais trazem mais conhecimento e segurança para o estudante sobre como será a sua vida profissional.

Contudo, esse modo de ensino tem suas dificuldades. O estudante Vladinei Karai Bolantin nos cedeu um relato sobre suas experiências como discente do curso em alternância:

Este curso em alternância tem suas dificuldades. Estudar com desafios, sofrendo preconceito e ainda mais dialeto mbyá guarani tendo poucos indígenas da minha etnia, passa dificuldades como mudar de rotina acordar cedo ir e voltar toda a tarde cansado, tem que dar atenção a família emocionalmente sem deixar os trabalhos atrasar dificultando em fazer melhor para não reprovar. Mas o lado bom é mais reconhecido pelas lideranças onde você vai, mesmo que outros não te respeitem falando mal ou vendo seus defeitos, importante que você seja valorizado e se sinta mais confiante, sem ter muito medo de ninguém e nem de ataque. Certamente com muito esforço e dedicação consegue ir até ao final e concluir o curso, quem tem ajuda dos parentes e familiares é mais fácil um pouco, está apoiando no que der e vier quando precisar para estar nas aulas sem muitas preocupações (Vladinei, 20/04/2025).

O relato do acadêmico remete algumas das dificuldades enfrentadas pelos indígenas no ambiente universitário. O preconceito em relação à cultura, o uso da língua portuguesa em detrimento ao idioma materno o Kaingang e o Guarani.

As percepções levantadas pelos acadêmicos, falam sobre uma universidade que ainda não está preparada para receber estudantes dos territórios camponeses, indígenas e quilombolas. Isso nos diz sobre a necessidade de ocupar a universidade, superar o preconceito e garantir os direitos de todos os povos ao acesso ao ensino superior.

A alternância dentro das universidades possibilita que o vínculo com a comunidade se mantenha, embora nas etapas do tempo universidade a falta e a ausência dos familiares seja um desafio, especialmente para os indígenas. A compreensão sobre cursos organizados em regime de alternância dentro do espaço acadêmico também é um desafio, pois os estudantes de outros cursos ou até mesmo servidores fazem distinção com os estudantes por não considerarem correto a alternância ou desconhecem a alternância.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado, registramos durante uma conversa em um dos encontros com o grupo do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Indígena Verã Tupã, coletamos um segundo relato sobre experiência com o curso em alternância, desta vez, da estudante Nathiely Florentino:

Atualmente estou cursando um curso de alternância na área de Ciências sociais e humanas, que mescla aulas teóricas na universidade com estágios práticos em uma escola local. No início do curso, estava animada e ansiosa sobre como seria a combinação de teoria e prática. As aulas na universidade eram dinâmicas e abordavam temas principais como: Sociologia, Antropologia, Psicologia, Ciências Políticas, História, Geografia humana, Gênero e Estudo da Diversidade. Os professores usavam exemplos práticos da nossa realidade para a nossa melhor compreensão, o que me ajudou a relacionar os conceitos com a minha realidade. Após quatro semanas de tempo na universidade, voltamos para as nossas comunidades para aplicar os conhecimentos apreendidos nesse tempo nas escolas indígenas e do campo. Ao aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas, percebi como a teoria e a prática estão interligadas. Um momento marcante foi quando eu fiz o primeiro estágio na escola indígena inserida na minha comunidade. A sensação de estar como professora onde eu já fui aluna foi algo fantástico. No entanto, nem tudo foi fácil. Um dos principais desafios que enfrentei foi a língua portuguesa não conseguir acompanhar as explicações dos professores por não fazer parte do meu cotidiano. Como é um curso de alternância as dificuldades aumentam como por exemplo o hotel, transporte, a alimentação etc, por mais que a universidade dá auxílios,

temos outras despesas que dependem disso e acaba sendo insuficiente (Nathyeli, 20/04/25).

A partir do relato, percebemos que o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas(CSH), organizado em alternância, oferece uma experiência ao juntar a prática e a teoria. Os relatos dos estudantes destacam as vantagens desse sistema como o suporte acadêmico e a aplicação direta dos conhecimentos nas comunidades, mas também apresentam os desafios que enfrentam, como a adaptação de novos ambientes e a questão linguística e cultural. A estudante Nathieli Florentino comenta em seu relato que um dos principais desafios foi a língua portuguesa por não fazer parte do cotidiano, enquanto o estudante Vladinei K. Bolantin comenta sobre a experiência de lidar com os preconceitos em especial com os alunos indígenas e destaca a importância de um ambiente que tenha o reconhecimento das particularidades de cada acadêmico e que valorize a cultura e a inclusão das diferenças. Os relatos também revelam dificuldades financeiras, a pressão emocional de estar longe de suas famílias, dentre outras situações vivenciadas na universidade.

CONCLUSÃO

A oferta do Curso em Alternância de Educação do Campo: Ciências sociais e Humanas (CSH) não apenas prepara os alunos para a prática docente, mas os leva para suas comunidades para serem agentes de mudanças através de teoria e prática que desenvolvem pois o curso tem uma estrutura que permite a aplicação dos conhecimentos em contextos reais que vão além do conhecimento acadêmico. Em última análise, a experiência do curso vai em direção a uma formação que valoriza as realidades diversas dos estudantes e neste sentido o PIBID tem sido um espaço importante para garantir momentos de reuniões e reflexões sobre a formação e a docência na Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). *Campo. Políticas públicas: educação*. Brasília: Inkra-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, Licenciatura em Educação do Campo em Ciências Sociais e Humanas. **Projeto Pedagógico do Curso, 2013.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, Licenciatura em Educação do Campo em Ciências Sociais e Humanas. **Projeto Pedagógico do Curso, 2020.**
